



# CULTURA PROFISSIONAL

## INTENÇÕES E POSSIBILIDADES

General CARPENTIER

Traduzido, *data vénia*, da "Revue de Defense Nationale", de abril de 1954, pelo Ten.-Cel FLORIANO MOLLER.



Nós militares, conhecemos bem a diferença capital que existe entre as "intenções" e as "possibilidades" do inimigo; aquelas essencialmente mutáveis, à mercê das idéias e da própria intuição dos chefes; estas baseadas no conhecimento dos meios de toda natureza à disposição do inimigo numa certa data, em um dado momento e num ponto determinados, ou suscetíveis de serem "concentradas", "reunidas" num certo "intervalo" de espaço e de tempo.

Umás, as intenções, escapam a qualquer dimensionamento. As outras, as possibilidades, podem ser conhecidas, avaliadas, acompanhadas dia a dia, em função da eficiência dos órgãos de busca de informações.

Para as primeiras, as intenções, fica-se no abstrato. As segundas, podem ser apoiadas em dados preciosos; baseiam-se no concreto.

Controvérsia de palavras; disputa de escolas, dir-se-á!

Longe disso! Nunca o problema foi tão atual como no início do ano de 1954.

Mas dentro do nosso propósito, antes de recordar a situação nos primórdios de 1954, parece-nos útil, por meio de exemplos históricos, concretos, tornar mais clara a distinção entre "intenções" e "possibilidades" no plano militar.

### I — AS INTENÇÕES

#### *Exemplo da batalha de Guise*

Antes da batalha de Charleroi, o 2º Exército alemão às ordens de von Bulow, enquadrado pelos 1º e 3º Exércitos, lançou-se em direção Sudoeste, na perseguição do 5º Exército Francês em retirada. A 27 de agosto de 1914, à tarde, ele atingiu uma linha Oeste-Leste cerca de 10 km ao Norte do Oise. Tratava-se para Bulow de dar ordens para a jornada do dia seguinte.



Ora, entre as 17 horas de 27 e as 9 horas de 28 de agosto, Bulow não teve nada menos de quatro intenções sucessivas e diferentes:

1) Às 17,30 h — O 2º Exército permanecerá a 28 em suas posições;

2) Às 20,30 h — O II Exército estenderá sua direita de modo a manter o contato com o 1º Exército;

3) Às 23,00 h — O 2º Exército cerrará sua esquerda sobre o centro;

4) Às 9,00 h de 28 de agosto — Marchar para a frente!

Destas quatro intenções, tôdas traduzidas em ordens, as duas primeiras não foram acompanhadas de execução. Entretanto, a primeira foi objeto de uma comunicação rádio ao GQG alemão. As duas últimas foram executadas.

Suponhamos que nossos postos rádio tivessem captado a mensagem das 17,30 h, pela qual Bulow dava conhecimento ao QG alemão de sua intenção de não deslocar-se no dia seguinte.

Desta vez, conheceríamos a intenção do inimigo, pois ele mesmo não-la fez saber.

Infelizmente, algumas horas mais tarde, e, sem que ninguém tivesse podido prever, o repouso nos acantonamentos se transformava em uma corrida para a frente, de todo o 2º Exército Alemão.

Qualquer operação que fôsse montada na intenção do adversário, conhecida do Alto Comando francês, arriscaria nos levar a sermos surpreendidos com tôdas suas conseqüências.

Não está na natureza humana ter a certeza do dia de amanhã. Os órgãos de busca de informações não escapam às Leis da natureza.

Quanto à intenção do inimigo, ou seja a decisão "cerebral", diremos nós, que não está traduzida ainda por atos, é bem difícil de perceber. E, se por um acaso verdadeiramente raro, se a descobre, é suficiente que o adversário a modifique, para que a manobra montada no conhecimento dessa intenção nos exponha aos maiores perigos.

## II — AS POSSIBILIDADES

Mas, se a manobra futura do inimigo não pôde ser determinada com certeza, não se dá o mesmo com sua situação presente. Para conhecê-la, é suficiente ter bastante informações concordantes e controladas. Tomando então, esta situação por base, torna-se possível traçar um limite entre as manobras que o inimigo pode fazer e aquelas que ele não pode fazer.

É assim que Napoleão, antes de tomar suas decisões, estudava as possibilidades de seus adversários e não suas veleidades ou suas intenções. Encontramos exemplos frisantes em suas campanhas de 1805 na Moravia e em 1806 após a transposição do "Frankenwald". Ai vê-se Napoleão eliminar uma a uma, por meio dos reconhecimentos que fez realizar, as hipóteses possíveis que ele havia encarado de início. E é quando não restava senão uma, que ele escreveu: "Enfim, o veu está rompido; é sobre a margem esquerda do La Saale que é preciso buscar o Exército prussiano."

A manobra montada sobre as possibilidades do inimigo tem uma base menos sedutora do que se emanasse da intenção emprestada ao adversário. Mas esta base é sólida; é segura. Ela se precisará por outro lado, à medida que chegarem a informações permitindo eliminar, com certeza, as hipóteses que o inimigo não está mais em condições de realizar.

\* \*

Qual é então o acontecimento recente que dá novamente tôda sua atualidade a esta velha querela de duas escolas: — a das intenções e a das possibilidades do inimigo eventual?

Este acontecimento é a morte de Stalin.

Estava-se inclinado a pensar, no Ocidente, que resultaria um endurecimento da política soviética, e que os riscos de guerra seriam aumentados. Aliás, de resto, Malenkov apareceu e, mercê de Deus,



nada, do que se acreditava, aconteceu. Melhor para nós; certas manifestações espetaculares, entrevistadas a jornais estrangeiros, a atitude de Vychinski no Conselho de Segurança, excursões de atletas soviéticos fora da Cortina de Ferro etc... surgiram como indicações de calma, de provas de boa vontade soviética.

De chofre, o "grande medo", que desde 1948 oprimia o mundo ocidental, assumiu uma tendência muito nítida para diminuir.

Todos guardamos na mente a patética apóstrofe do ministro belga Spaak: "A Europa tem medo". E ela se armava freneticamente; acolhia Eisenhower com reconhecimento, quase como um Salvador. Ao mesmo tempo, assistia-se a partida, para a África do Norte e as Américas, de numerosas pessoas, enquanto que os capitais tomavam o mesmo caminho. Atualmente a Europa não tem mais medo, ou mais exatamente, ela tem menos medo. Antes, a Europa pensava demasiado nos riscos de guerra; atualmente, ela não quer mais pensar nisso; ou pelo menos pensa menos nesses riscos. Algumas palavras conciliantes de Malenkov e um sorriso de Vychinski fizeram esse milagre.

Tenho o pesar de afirmar que estamos em pleno domínio do abstrato, ou seja, no domínio das "Intenções". Basta que amanhã Vychinski enrugue os supercílios e retome suas provocantes diatribes no Conselho de Segurança e que Malenkov lance um anátema contra as potências ocidentais e o encantamento estará rompido. Novamente, o mundo terá medo.

De momento, esta espécie de euforia na qual vivemos, incita o país a diminuir seu esforço militar. Não pelo fato de que políticos responsáveis se tomem de grandes ilusões sobre o crédito a atribuir às manifestações dos homens do Kremlin. Eles sabem bem que a sabedoria seria não diminuir o esforço militar de nosso país; sabem que este "prêmio de seguro" que se nos exige pagar, por mais elevado que seja, é entretanto, mínimo em com-

paração à sorte que espera nosso país se, por ventura a Europa fôsse submergida pelas divisões soviéticas.

Mas, eles têm que ter em conta as reações da opinião pública. E assim que o conceito "esforço militar máximo" é substituído pelos vocábulos "desenvolvimento de programas" e "regime de vigilância".

O "grande público" está bem convencido da sabedoria desta política de desenvolvimento e de ampliação de programas?

Fica-se em dúvida quando se verifica nos meios civis, quanto os militares de todos os postos são interrogados sobre os riscos de guerra. Como desejariam eles que a resposta satisfizesse completamente seus anseios íntimos. Os civis confiam e, não ocultam sua decepção quando seu interlocutor é no mínimo reticente. E os argumentos rompem de seus lábios, argumentos que bem conhecemos, citando certas atitudes e gestos conciliantes dos dirigentes soviéticos.

Que respondem então os militares, aos quais se reprova o serem assim "tão céticos"?

Eles respondem: Seguramente, nós nos felicitamos tanto quanto vós, pelas espetaculares manifestações de boa vontade dos homens do Kremlin, mas estimariamos que estas manifestações se concretizassem por fatos tangíveis. Quantas vezes, depois de 1939, registramos atitudes diametralmente opostas do Kremlin? Fosters Dulles não esqueceu de o salientar em Berlim.

Se as intenções do Kremlin são leais, porque não as concretizam com uma diminuição sensível de seu potencial militar!

É aí onde, nós militares, queremos chegar. Trabalhamos em números de balanço, indicando por períodos de tempo, mais ou menos longos, o potencial do inimigo eventual, ou seja o número de suas divisões, a potência e a qualidade de sua aviação, o desenvolvimento de suas atividades referentes às pesquisas atômicas, etc... em uma palavra, suas possibilidades.



Ora, constatamos nós, um ano após, uma diminuição dêsse potencial? Não. Não sou eu que o diga, são as vozes autorizadas do General Ridgway e do General Gruenther que não cessam de o repetir em tôdas suas declarações.

O número de divisões soviéticas não modificou. A aviação soviética prossegue em seu esforço. As forças dos países satélites melhoraram sua capacidade combativa; a 12 de agosto do ano findo registrou-se a declaração do Kremlin, relativa à descoberta da bomba H.

Eis aí fatos precisos. É bem possível que sejam desagradáveis de os ouvir. É lamentável que nossos interlocutores civis muitas vezes se mostrem agastados por isso, e que os militares desempenhem uma vez mais o papel de "desman-

cha-prazeres". Mas, que pensar-se dos militares que, para agradarem a uns tantos, se prestarem a essa atitude que se atribui ao avestruz?

Sem dúvida é uma utopia esperar que os Soviets diminuam massivamente seu potencial militar.

Mas, registraríamos, com seu justo valor, qualquer ação do Kremlin diminuindo o número de GG UU soviéticas terrestres e aéreas estacionadas à Leste da Cortina de Ferro e no território da Rússia Européia, como um sinal de estancamento, de acôrdo com as intenções que se lhe empresta generosamente.

Eis aí o que seria real e concreto. O resto não são senão palavras. E não é de hoje que se diz: "*Verba volant*" (\*)

(\*) "*Verba volant, scripta manent*" (As palavras voam; os escritos ficam). (N.T.)

## IRMÃOS CARVALHO

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

REPRESENTAÇÕES S. A.

FUNDADA EM 1929

MATRIZ — Rio de Janeiro — Av. Rio Branco, 26-A — 10º

Caixa Postal, 2182 — End. Teleg.: "ALPHA"

Telefones: 23-0860 e 43-6165

São Paulo — Rua Miguel Carlos, 68 — Caixa Postal, 3281

Telefones: 37-1161 e 34-7668 — End. Teleg.: "BETHA"

Santos — Praça da República, 37 — Caixa Postal, 909

Telefone: 2-5533 — End. Teleg.: "GAMA"

Belo Horizonte — Avenida Afonso Pena, 526 — 11º

S. 1101-1102 — Caixa Postal, 160

Telefone: 2-2490 — End. Teleg.: "DELTA"